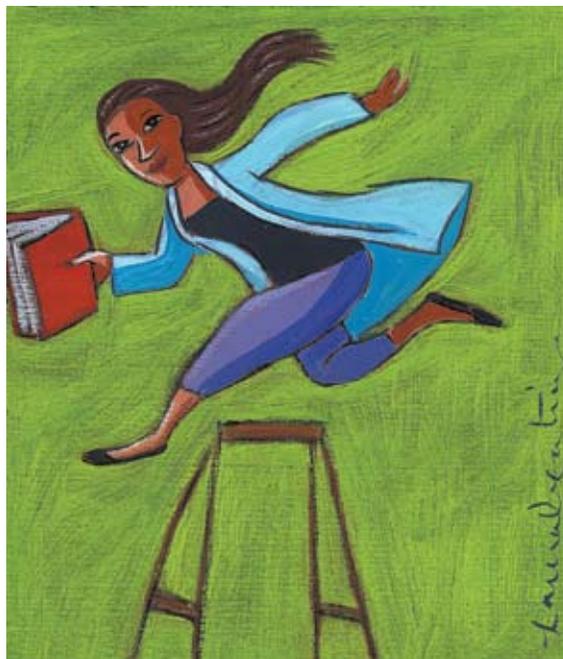


Um relatório encomendado pela Comissão Europeia comparou os obstáculos encontrados em 33 países para a ascensão das mulheres na carreira científica. A situação revelou-se especialmente desfavorável na Bulgária, Croácia, Eslováquia, Eslovênia, Estônia, França, Grécia, Hungria, Itália, Lituânia, Luxemburgo, Polônia, Portugal, República Checa e Turquia. Tais nações do velho continente emergem do documento *O desafio de gênero no financiamento de pesquisa*, como pouco ativas na criação de políticas capazes de ajudar as mulheres a se tornarem líderes científicos. Entre os países mais avançados nesse campo destacaram-se a Finlândia, a Suécia e a Noruega, onde as mulheres compõem mais de 40% dos postos dos comitês de agências de pesquisa. Num pelotão intermediário há nações que tentam mudar suas políticas. A agência alemã DFG, por exemplo, estabeleceu a igualdade entre gêneros como um objetivo estatutário desde 2002. A participação feminina, porém, segue restrita. Entre 1999 e 2004 aumentou a proporção de mulheres atuando como revisoras de projetos na DFG. Mas os números são tímidos: elas eram 6%, agora são 9%. O documento foi escrito por 17 especialistas, sendo 12 mulheres.

CORRIDA DE OBSTÁCULOS

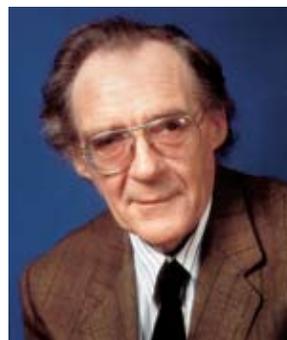


> O jornalista que renovou a Nature

Sir John Maddox, morto aos 82 anos no dia 12 de abril, ajudou a moldar o moderno jornalismo científico. Diretor da revista britânica *Nature* em duas ocasiões, de 1966 a 1973 e de 1980 a 1995, Maddox resgatou o prestígio da publicação, célebre por anunciar descobertas importantes, como a da fissão nuclear, em 1938, e a da estrutura do DNA,

em 1953, mas que perdia espaço nos anos 1960 para a revista científica *Science*. Filho de um operário, Maddox formou-se em física, mas abraçou o jornalismo científico em meados dos anos 1950 contratado pelo jornal *The Guardian*. Na *Nature*, cercou-se de uma equipe jovem, reduziu os prazos de publicação, aproximando a revista da rotina dos jornais, saiu à procura de novidades nos grandes

laboratórios e exigiu que os artigos científicos fossem reescritos até se tornarem legíveis e interessantes. Impôs o *peer review*, a pré-aprovação dos artigos por pares, mas eventualmente abria mão da arbitragem para publicar temas polêmicos. Também ficou famoso pelas intervenções demolidoras contra o criacionismo e os exageros ambientalistas.



Maddox: reformador

> Empregos para pós-doutorandos

O governo japonês vai lançar um programa de US\$ 5 milhões voltado para financiar empresas que contratem pós-doutorandos. O objetivo, de acordo com a *Nature*, é reduzir os índices de desemprego entre esse tipo de profissional altamente qualificado. O número de postos acadêmicos disponíveis para eles vem encolhendo desde os anos 1990, graças a uma política de racionalização do sistema universitário. Em fevereiro de 2009 havia 17.827 pós-doutorandos desempregados registrados na Agência Japonesa de Ciência e Tecnologia (JST). A indústria do país costuma recrutar estudantes de graduação. A JST quer oferecer dotações a cerca de cem empresas que contratem os pós-doutorandos.

> Vai e vem austríaco

O governo da Áustria voltou atrás na decisão de abandonar o Cern (Organização Europeia de Pesquisas Nucleares, na sigla em francês). No dia 8 de maio, o ministro da Ciência, Johannes Hahn, chegou a anunciar a saída do consórcio que mantém a iniciativa, após 50 anos de colaboração. O anúncio, feito a poucos meses do relançamento do LHC, o gigantesco acelerador

de partículas criado pelo centro de pesquisa, mobilizou os cientistas austríacos. “É um dia triste para a ciência austríaca”, protestou Christian Fabjan, chefe do Instituto de Física de Altas Energias, em Viena. Pressionado, o chanceler Werner Faymann anulou a decisão dez dias depois e anunciou que a participação da Áustria no Cern seguirá inalterada. A justificativa para a saída era a contenção de despesas. O Ministério da Ciência queria usar os recursos antes destinados ao Cern, de cerca de € 17 milhões por ano, o equivalente a 2% do orçamento do laboratório, para compensar a perda de gastos privados em pesquisa básica, além de investir em outras colaborações internacionais.

> Artigos fantasmas

Dezesseis membros de um centro de pesquisa interdisciplinar sediado na Universidade de Göttingen, da Alemanha, estão sendo investigados por suspeita de fraude. Segundo o *site* da revista *Der Spiegel*, a universidade fez uma investigação preliminar e constatou que pesquisadores do centro declararam artigos científicos inexistentes

num relatório em que pediam a renovação do financiamento à DFG, principal agência de pesquisa alemã. O centro, que estuda a estabilidade da floresta tropical da Indonésia, foi agraciado em 2000 com €16,6 milhões por nove anos. Após o escândalo, o pedido de € 8,6 milhões suplementares

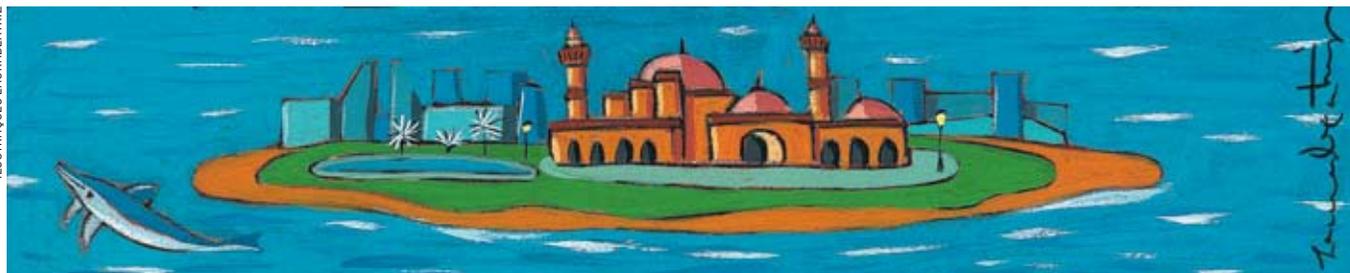
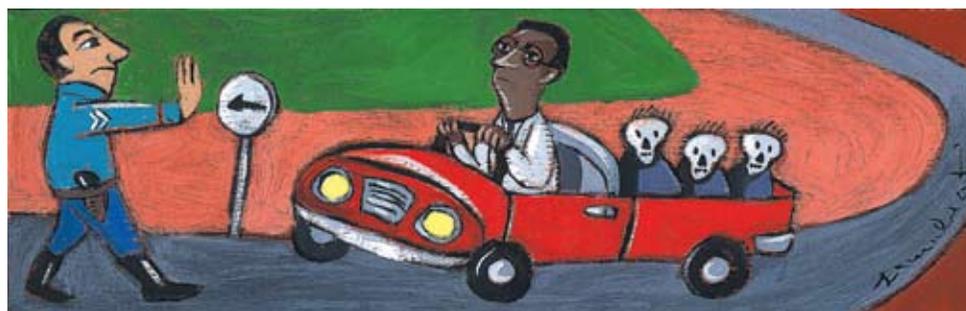
para os próximos três anos foi retirado pelos pesquisadores, que pediram desculpas à DFG por fornecer informações falsas. O centro integra um programa da agência que financia mais de uma centena de projetos de pesquisa colaborativa em temas variados, pelo generoso prazo de 12 anos.

DNA DO EBOLA NO CARRO

A prisão na fronteira dos Estados Unidos de um pesquisador vindo do Canadá que portava 22 amostras não infecciosas do DNA do vírus Ebola levantou dúvidas sobre a segurança de laboratórios que guardam patógenos perigosos. Konan Michel Yao, 42 anos, nascido na Costa do Marfim e naturalizado canadense, resolveu procurar emprego nos Estados Unidos depois que expirou seu contrato no Laboratório Nacional Canadense de Microbiologia, em Winnipeg. Segundo a versão que apresentou à polícia, decidiu levar as amostras para utilizá-las em pesquisas num futuro emprego. A agência de saúde pública canadense só soube do sumiço do material após a prisão. “Mas se tratava apenas de material genético, sem risco infeccioso”, disse Frank Plummer, diretor do laboratório, segundo o jornal canadense *National Post*. Segundo ele, Yao nunca teve acesso a patógenos perigosos, como os vírus da gripe suína, do HIV ou do Ebola. Preso, Yao responderá a processo por contrabando e declaração falsa às autoridades.

> Um polo no meio do golfo

O Bahrain apresentou um conjunto de projetos para criar um polo de inovação. Uma das iniciativas, batizada de @bahrain, congregará um instituto de pesquisa, um parque tecnológico e uma espécie de museu interativo de tecnologia, espalhados por uma área de 1 milhão de metros quadrados. Também será construída uma cidade da educação superior, que abrigará um consórcio de universidades da Alemanha, França, Itália e Suécia e poderá receber cerca de 20 mil estudantes em áreas como negócios, engenharia, artes e humanidades. Pequena ilha no golfo Pérsico com 700 mil habitantes, o Bahrain segue o exemplo de países como o Qatar e os Emirados Árabes, que criaram polos universitários em convênio com instituições estrangeiras.



A África do Sul obteve sucesso em experiências controladas com uma variedade de milho transgênico resistente a um vírus, que pode se tornar a primeira espécie geneticamente modificada desenvolvida no continente africano. O êxito está servindo para quebrar resistências dos governos e agricultores contra a tecnologia, segundo artigo publicado na revista *Newsweek*. Os africanos têm sido hostis aos transgênicos, inspirados, em boa medida, pela oposição europeia à tecnologia. Mas o temor de que as mudanças climáticas causem problemas de abastecimento começa a suavizar atitudes. "Os fazendeiros e os cidadãos em geral dizem que não querem transgênicos, mas também dizem que querem plantas resistentes a vírus", diz Rikus Kloppers, pesquisador da empresa de sementes sul-africana Pannar, que integra o grupo de pesquisa do milho geneticamente modificado. "Quando eu digo que somos uma empresa sul-africana, o preconceito diminui ainda mais." Além da África do Sul, outros cinco países do continente - Burkina Faso, Egito, Quênia, Gana e Uganda - investem em pesquisas sobre plantas transgênicas.

> Dinheiro inesperado

Os cientistas australianos comemoram um inesperado aumento de 25% nos gastos de pesquisa e educação do próximo ano. O orçamento de 2009/2010, apresentado ao Parlamento do país no início de maio, prevê a criação de fundos para renovar os laboratórios das universidades e incentivos fiscais para que o setor privado invista em pesquisa e desenvolvimento. As novas medidas contemplam recursos de US\$ 4,3 bilhões

RESISTÊNCIA EM QUEDA



LAURABÉATRIZ

nos próximos quatro anos. "Isso mostra o compromisso de usar a pesquisa como motor da recuperação da crise financeira mundial", disse Ken Baldwin, presidente da Federação Australiana de Sociedades Científicas e Tecnológicas, de acordo com a TV pública ABC. Pesquisadores da área ambiental, contudo, criticaram a divisão do bolo, que estabelece investimentos em tecnologias limpas num nível tido como insuficiente. "Faltam políticas para desenvolver energias renováveis em larga escala",

disse Mark Diesendorf, da Universidade New South Wales, em Sydney. Maior exportador de carvão do planeta, a Austrália só ratificou o Protocolo de Kioto em 2007.

> Crítico punido

A demissão de um cientista venezuelano recolocou a discussão sobre os limites da liberdade acadêmica no país. O biólogo Jaime Requena, professor da Fundação Instituto de Estudos Avançados da Venezuela (Idea), foi demitido pelo diretor do órgão, Prudencio Chacón. Requena, que tem 40 anos de carreira e foi diretor do Idea nos anos 1980, diz que um trabalho de sua autoria e suas críticas ao governo Hugo Chávez motivaram a demissão. Recentemente, o biólogo trabalhou na análise da

produção científica venezuelana, avaliando a publicação de artigos em periódicos nacionais e internacionais. Concluiu que a produtividade é a menor dos últimos 25 anos. Em janeiro de 2008 ele já havia escrito uma carta, publicada na revista *Nature*, em que denunciava a falência do financiamento público para projetos científicos na Venezuela. Oficialmente, Requena foi demitido por conflito de interesses: teria recomendado a compra pelo Idea de um *software* desenvolvido por uma universidade privada na qual também leciona. Luis Carbonell, presidente da Comissão de Direitos Humanos da Associação Venezuelana para o Avanço da Ciência, disse à agência *SciDev.Net* que o episódio é emblemático do cerco do governo à independência dos pesquisadores.